

Origem e descendência do fundamentalismo protestante: o darwinismo em *The Fundamentals*

Origin and descent of protestant fundamentalism:

Darwinism in *The Fundamentals*

Breno Martins Campos*

Resumo

Este artigo contribui para a compreensão de que o fundamentalismo protestante foi um movimento típico dos EUA, gestado nas décadas finais do século XIX e trazido à luz nos primeiros anos do século XX, em reação aos perigos da modernidade à pureza da fé nas igrejas. Destaca-se aqui o darwinismo como adversário moderno a ameaçar a leitura ortodoxa e literal da Bíblia. Na produção escrita mais importante do círculo fundamentalista, a coletânea *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, há três artigos que tratam diretamente da crítica à teoria da evolução. Sua mensagem é muito clara: ou a Bíblia ou a teoria darwinista. Quer dizer, frente às contribuições do campo científico ao estudo da Bíblia e da vida, o fundamentalismo estadunidense fechou-se a qualquer diálogo, segundo um esquema próprio de aprisionamento da verdade. Ironia da história: o darwinismo procurou ser silenciado pelo movimento que, mesmo sem intenção, ajudou a fundar.

Palavras-chave: Fundamentalismo; protestantismo; *The Fundamentals*; darwinismo.

Abstract

This article contributes towards understanding that protestant fundamentalism was a typical U.S. movement, prepared over the last decades of the 19th century and took place in the early 20th century in response to the risks posed by modernity, which put in danger the purity of faith in churches. Darwinism stands out as a modern opponent that threatens the literal reading of the Bible. The most important publication of the fundamentalist group, *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, features three articles that directly discuss criticism towards the theory of evolution. The message is very clear: the Bible or Darwinism. Facing the scientific advancements and studies on the Bible and life in general, the American fundamentalist movement closed itself to any dialog, based on a particular way of imprisoning the truth. Irony of the history: Darwinism unintentionally helped spawn the movement that later attempted to silence its theories.

Keywords: Fundamentalism; protestantism; *The Fundamentals*; darwinism.

* Doutor em Ciências Sociais. Professor-pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e na Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas. Endereço para correspondência: Rua José Aparecido Pavan, 566, Parque das Universidades, Campinas-SP, 13086-080. E-mail: brenomartinscampos@gmail.com

Introdução

O objetivo deste artigo é contribuir para a compreensão do surgimento e desdobramentos do fundamentalismo protestante, especificamente em sua reação ao darwinismo, no contexto histórico estadunidense a partir das últimas décadas do século XIX e principalmente no início do XX. Inserido no recorte histórico da modernidade, o problema teórico-metodológico deste artigo é relacionar o surgimento do fundamentalismo protestante, o primeiro *stricto sensu*, com o advento anterior do darwinismo. A hipótese é a de que o campo científico, representado pelo darwinismo, sem o querer (como efeito não intencional), contribuiu para a emergência do fundamentalismo, primeiramente como movimento teológico e eclesiástico, circunscrito ao campo religioso, que depois estendeu seus braços para os campos político e social, principalmente nos EUA, mas não somente lá.

Que o darwinismo tenha participado da história de origem do fundamentalismo, bem como participe até hoje direta e indiretamente de sua descendência, é defensável; porém, não é o caso de propor que o darwinismo seja o pai do fundamentalismo. A relação não é tão direta assim. Como movimento de afirmação da inerrância bíblica com implicações teológicas e sociais, o fundamentalismo teria surgido da mesma maneira (como surgiu de fato) no final do século XIX e início do XX nos EUA, principalmente como reação teológica aos movimentos liberais europeus e suas novas modas interpretativas do texto bíblico. O darwinismo foi mais uma condição (no caso, proveniente da ciência) para o crescimento e reprodução do fundamentalismo protestante; contribuiu ainda para o fortalecimento da cosmovisão e da ética fundamentalistas, que têm impulsionado debates no Ocidente (mais nas Américas do que na Europa), até os dias de hoje, a respeito de ciência versus religião, representadas, grosso modo, por evolucionismo versus criacionismo.

Quais temas poderiam ser projetados em tela para representar e, ao mesmo tempo, esclarecer a concepção teológica e a cosmovisão fundamentalistas dentro do universo protestante? O roteiro mais didático talvez seja o de um filme baseado na discussão da teoria da evolução, cuja abrangência de suas implicações existenciais faz dela o assunto mais contundente dentre outros possíveis. Que se imagine, então, um drama sobre a reação conservadora em círculos cristãos protestantes àquela teoria e a seu profeta-mor, Charles Darwin,

cristão protestante de formação, cuja família quis prepará-lo para ser clérigo na Igreja Anglicana após haver percebido sua falta de vocação para a medicina. "Depois de dois anos em Edimburgo, meu pai compreendeu, ou minhas irmãs o fizeram compreender, que eu não tinha inclinação para a Medicina, tendo então sugerido que me tornasse clérigo" (Darwin, 1994, p. 17). Possibilidade que Darwin (1994, p. 17) não considerou totalmente descabida: "Pedi-lhe algum tempo para pensar no assunto, pois embora tivesse lá meus escrúpulos em aceitar toda a doutrina da Igreja Anglicana, não me desagradava a ideia de vir a ser cura de aldeia". O que o agradava realmente era a perspectiva de tempo livre para estudar e pesquisar assuntos de seu interesse.

Mandado a Cambridge para sua formação em humanidades, Darwin julgou sua passagem por lá uma perda de tempo, pois, devido à falta de interesse pelas disciplinas, envolveu-se com amigos com quem se divertia somente; seu prazer àquela altura da vida era colecionar escaravelhos. Envolveu-se também com o professor John Stevens Henslow, que o mandou para a expedição no Beagle, o que fez toda a diferença.

A viagem do Beagle, não resta dúvida, foi o acontecimento mais importante de minha vida, pois decidiu todo o meu desenvolvimento ulterior. Devo-lhe a própria educação do meu caráter, sua efetiva formação, uma vez que, tendo de dividir minha atenção pelos diversos ramos da História Natural, isso me obrigou a desenvolver minhas faculdades de observação (Darwin, 1994, p. 21).

Viagem que fez muita diferença também, sem exagero, para o campo religioso em todo o Ocidente – e não somente para a vida pessoal de Darwin ou, na sequência, para o campo científico. Depois de *A origem das espécies*, há pouco mais de 150 anos, os debates mais relevantes e contundentes entre fé e ciência, aqueles que devem mesmo ser levados a sério, deram-se no terreno da disputa quanto à origem da vida.

O roteiro do filme imaginado acima pouco tem de original. Os EUA do início do século XX transformaram-se num campo de batalhas entre protestantes teologicamente liberais, adeptos do método científico (incluindo o darwinismo) como produtor de saberes fidedignos, e conservadores que caminhavam a passos decisivos para o fundamentalismo (na afirmação da literalidade das Escrituras, sua inerrância e infalibilidade, como única fonte de produção da verdade e tábua de salvação para o verdadeiro cristianismo). Cenas da vida real já haviam sido

projetadas nos documentos originais do fundamentalismo: em *The Fundamentals* (1910-1915), por exemplo, há artigos que são direta ou indiretamente advertências para a igreja contra a teoria da evolução. Os que tratam explicitamente do caso são três – "The Passing of Evolution", "Evolutionism in the Pulpit" e "Decadence of Darwinism" –, com o interesse precípua de problematizar a teoria da evolução e propor sua substituição por aquilo que, em sua perspectiva, nunca deveria ter deixado de ser a base do conhecimento sobre a vida, o relato bíblico.

No que se propõe a seguir, o caminho deste artigo é o da compreensão de alguns dos sentidos do fundamentalismo original, não para avaliar suas doutrinas, mas para apreender as interfaces e causalidades entre condições mentais e materiais de uma época, a da origem do fundamentalismo, na qual produções culturais, como a ciência e a religião, encontravam-se interpenetradas de uma maneira que se julgava, apressadamente, superada na modernidade.

1. A morte da evolução

O artigo "The Passing of Evolution", de George Frederick Wright, foi publicado como primeiro capítulo do volume VII da série original *The Fundamentals* (1910-1915). Ele vem acompanhado de mais sete artigos sem ligação explícita com o tema da evolução: seis deles tratam de assuntos diretamente relacionados à Bíblia e o último faz uma crítica ao movimento religioso Aurora do Milênio (Testemunhas de Jeová). Na edição de 1917, está localizado no quarto e último volume em seção dedicada ao "Pensamento Moderno".¹

Para David N. Livingstone (1986), o artigo "The Passing of Evolution" é a contribuição mais relevante ao debate acerca da teoria de Darwin em *The Fundamentals*, por considerar com competência científica as implicações religiosas do darwinismo. Opinião que não resulta de mera coincidência, pois Wright sempre procurou, ao longo da carreira, estabelecer um diálogo crítico da teologia com a geologia, a arqueologia, o darwinismo, dentre outras áreas do saber científico. Ainda assim, eis o ponto delicado, não se pode negar o caráter *interessado* do autor: ao tratar de ciência, seus objetivos são os de fazer valer uma interpretação religiosa (cristã e, mais especificamente, protestante) quanto à teologia da criação e suas implicações para o saber formal e a vida cotidiana.

Cumprido reconhecer que Wright não se enquadra dentre aqueles que podem ser considerados criacionistas, mas, sim, deve ser contado dentre os que advogam uma teoria do Design (avant la lettre, em todo caso) a compatibilizar crença e ciência (ou novas descobertas científicas).

Qual a hipótese de Wright em "The Passing of Evolution"? Segundo ele, depois de um razoável tempo de provas, percebeu-se que há tantos erros, limites, mistérios e até mentiras na ciência de Darwin que fica difícil aceitá-la como válida. Sua conclusão: "A evidência para a evolução, mesmo em sua forma mais branda, passa a não ser tão forte como a evidência para a revelação de Deus na Bíblia" (Wright, [1910-1915b], p. 20).² Nem de longe o argumento do autor deve ser tomado como simplista ou ingênuo, pois, conforme já foi apontado, suas preocupações científicas eram qualitativamente tão reconhecidas quanto as teológicas – por seus pares e até por interlocutores adversários. Sua originalidade: "O peso do artigo de Wright em *The Fundamentals* foi a diferenciação entre evolução, de um lado, como uma teoria científica da transmutação das espécies e, de outro, como uma metafísica *Weltanschauung*" (Livingstone, 1986, p. 71).

Para corroborar o argumento e ampliar o campo de visão acerca da teologia de Wright, vale a pena conhecer panorâmica e paralelamente a ideia principal de seus outros dois artigos em *The Fundamentals*. No primeiro capítulo do volume II da série original, intitulado "The Testimony of the Monument to the Truth of the Scriptures",³ o autor aponta alguns monumentos descobertos nas chamadas terras bíblicas que, segundo sua interpretação, vieram para confirmar o testemunho do Antigo Testamento e de sua verdade. Os assuntos particulares e as conclusões alcançadas pelo autor não estão diretamente relacionados ao escopo deste artigo, mas a fundamentação geral da discussão é digna de nota: "Se a testemunha é confiável, quanto mais for questionada, seu testemunho estará mais perfeitamente de acordo com o quadro das circunstâncias em que está inserida. Se falsa, mais sua falsidade se tornará aparente" (Wright, [1910-1915c], p. 7).

Para um fundamentalista, quanto mais o Antigo Testamento é questionado, mais ele consegue provar sua verdade – e não somente pelos argumentos internos, que convencem a pessoa de fé, mas, externamente, por monumentos que se relacionam ao texto canônico e pela decifração de suas

inscrições. Segundo Wright ([1910-1915c], p. 7), os resultados da pesquisa relacionada ao testemunho dos monumentos oferecem "(...) uma prova razoável da competência e honestidade dos historiadores do Antigo Testamento e da fidelidade com que seu registro foi transmitido para nós". Quer dizer, o Antigo Testamento até agora não pôde ser falseado pelo testemunho arqueológico, por mais que se tenha tentado; ao contrário, cada monumento descoberto e interpretado vem para lançar mais luz à história do texto e sua verdade.⁴

No segundo capítulo do volume IX da série original, intitulado "MosaicAuthorshipofthePentateuch",⁵ Wright ([1910-1915a], p. 10-11) propõe outra discussão metodológica, principalmente contra os teólogos da crítica bíblica:

A autoria mosaica do Pentateuco foi aceita até tempos muito recentes sem questionamentos tanto por judeus como por cristãos. Tal aceitação, chegando a nós por meio de uma linha ininterrupta desde os tempos mais antigos de que temos alguma informação, oferece o apoio daquilo que é chamado consenso geral, o qual, embora talvez não absolutamente conclusivo, compele aqueles que desacreditam nele a produzir evidência contrária irrefutável. Mas a evidência que os críticos produzem neste caso é completamente circunstancial, consistindo de inferências derivadas de uma análise literária de documentos e da aplicação de uma teoria evolucionária desacreditada no que concerne ao desenvolvimento de instituições humanas.

A hermenêutica do texto bíblico no movimento fundamentalista é antecedida logicamente por uma teologia particular, quer dizer, há uma dogmática que antecede a leitura e interpretação do texto canônico. O caso abordado pelos artigos de Wright trata do Antigo Testamento, que deve ser tomado como fidedigno na mesma proporção em que seus críticos devem ser desqualificados; ciência boa é somente a que confirma a Bíblia. Estabelecido o argumento da inerrância bíblica – cuja validade é corroborada pelo lado da ciência que pode ser tomado como confiável –, há certa segurança para os fundamentalistas trabalharem temas espinhosos, dentre eles, e com predileção, a teoria da evolução.

No início do artigo "The PassingofEvolution", Wright afirma que a palavra evolução é inocente em si mesma e a legitimidade de sua utilização não é matéria que mereça considerações críticas. Por um lado, o uso do conceito é legitimado até pela Bíblia: "O mundo não foi feito em um instante, nem mesmo em um único dia (o que quer que este período dia possa significar), mas em seis dias"

(Wright, [1910-1915b], p. 5); e o trabalho do Criador foi ordenado (de maneira progressiva), de formas mais baixas para formas mais altas de matéria e vida. Por outro lado, a palavra adquiriu implicações teológicas e filosóficas equivocadas e perigosas, como resultado de uma doutrina que "(...) praticamente elimina Deus do conjunto do processo criativo e relega a espécie humana às ternas misericórdias de um universo mecânico, cujas engrenagens da maquinaria deixam-se mover sem nenhuma direção divina imediata" (Wright, [1910-1915b], p. 5).

A palavra *evolução* transformada em doutrina perdera sua inocência. Os cristãos deveriam combater não a evolução, mas a doutrina da evolução, daí a importância de distingui-la do darwinismo:

Esta doutrina da evolução recebeu tal impulso do darwinismo e tem sido tão frequentemente confundida com ele que é importante, de fora, discriminar os dois. Darwinismo não era, na mente de seu autor, uma teoria da evolução universal, e Darwin raramente usava a palavra (Wright, [1910-1915b], p. 5-6).

Wright propõe ainda que o problema que Darwin deixou para resolver – sua contribuição original, a bem dizer – toca uma pequena parte do campo da evolução e diz respeito à descendência de um ancestral comum a todas as espécies.

Discussão complexa a demandar conceituação: o que é uma espécie? Wright ([1910-1915b], p. 6) destaca, entre aspas e sem citar a fonte, que a definição comumente aceita para espécie é a de "uma coleção de animais e plantas individuais que se assemelham um com o outro [indivíduo com indivíduo] tão de perto que razoavelmente pode ser suposto que eles tenham descendido de ancestral comum". Definição que, segundo seu entendimento, não poderia ser aceita, por exemplo, pelas ciências exatas, pois o que *pode ser razoavelmente suposto* não serve para sustentar uma teoria ou, no mínimo, deveria servir para sustentar outras tantas possíveis e até contraditórias entre si. O mais importante para Wright é anunciar que os seguidores e comentadores de Darwin extrapolaram as afirmações e intenções do autor original ao eliminar as forças sobrenaturais do processo.

Para afirmar sua tese principal, a morte da evolução (como doutrina), Wright aponta alguns erros e imprecisões na teoria darwiniana, dos quais se fazem dois destaques. O primeiro está relacionado ao cálculo das eras geológicas:

"O estabelecimento da teoria de Darwin, como ele a propôs originalmente, envolvia a existência, de fato, da Terra em sua condição atual desde um período de tempo indeterminado, para não dizer, infinito" (Wright, [1910-1915b], p. 12) – o que foi corrigido posteriormente por seus seguidores e outros pesquisadores em áreas como a física e a astronomia. O segundo diz respeito às minúcias das variações benéficas: o tempo quase infinito demandado e imaginado por Darwin para sustentar sua teoria pode ser explicado pela noção de que as variações benéficas (progressos) se deram por gradações muito suaves ou imperceptíveis – o que Wright não aceita, pois, para ele, vantagem significativa só poderia ser adquirida por alterações qualitativamente expressivas e em grande quantidade.

Quanto à afirmação de que Darwin errou porque trabalhava com o conhecimento próprio de sua época, Wright ([1910-1915b], p. 13) argumenta que "(...) esta desculpa mostra a insensatez de se construir tão enorme teoria sobre uma fundação desconhecida". Corrigido o equívoco quanto à datação da existência da Terra, que racionalmente não poderia continuar a ser sustentado, devia-se admitir como necessária certa rapidez no desenvolvimento das espécies, caracterizada por rupturas e saltos, não por gradações imperceptíveis, "(...) o que estaria bem de acordo com a teoria da criação pela intervenção divina especial" (Wright, [1910-1915b], p. 13). Argumentos que permitem a Wright ([1910-1915b], p. 16) defender também a necessidade da interferência de um poder superior dirigindo o processo de criação, especialmente em referência à espécie humana:

Agora, todas essas peculiaridades em ambos – corpo e mente humanos –, para ter sido vantajosas, devem ter ocorrido simultaneamente e, ao mesmo tempo, ter sido consideráveis em quantidade. Supor tudo isso ocorrer sem a intervenção do Projeto da Mente Suprema é cometer "haraquiri" lógico. Tais combinações ao acaso estão além de toda possibilidade de fé racional.

Wright ([1910-1915b], p. 18) encerra sua argumentação reconhecendo, a seu modo, que "o título deste [do seu] artigo talvez seja inapropriado. Porque, sem dúvidas, a morte [passagem] da presente fase da evolução não é final". Segundo ele, sempre houve (e haverá, portanto) a noção de evolução dentro do espírito investigativo e do conhecimento humanos. "As modernas especulações evolucionistas não tiveram muito progresso real sobre aquelas dos antigos" (Wright, [1910-1915b], p. 19). A novidade darwinista foi ter substituído o deísmo pelo ateísmo. Porém, a complexidade do mundo e os mistérios ligados à alma

humana – física e metafísica⁶ – não permitem à humanidade prescindir de Deus na construção do conhecimento a respeito da criação da vida.

2. O evolucionismo no púlpito

O artigo "Evolutionism in thePulpit" foi publicado originalmente no periódico Herald andPresbyter de 22 de novembro de 1911 e sua inclusão em *The Fundamentals* (segundo capítulo do volume VIII da edição de 1910-1915) é justificada pelos editores em nota de rodapé: "Nós reimprimos este excelente artigo como a manifestação extraordinária de um leigo cristão a respeito de um assunto tão importante" (Evolutionism, [1910-1915], p. 27). Interessante registrar que o autor assina o texto não com seu nome, mas como "Um ocupante do banco da igreja" (Evolutionism, [1910-1915], p. 27) – daí ser classificado como leigo pelos editores da coletânea, quer dizer, não se trata de ministro ordenado.⁷

Livingstone (1997, p. 161) argumenta que, por inferência e paralelismo, pode-se chegar ao nome do autor do artigo:

Frank Allen, ministro da ReformedPresbyterianChurch, Winnipeg, Canadá, lançou sua [obra] *Evolution in the Balances* (1926) – uma coleção de ensaios retirados de material que aparecera previamente em *The Presbyterian*, *Herald andPresbyter* e *The Christian Nation* – pela publicadora Fleming H. Revell, a companhia que publicou *The Fundamentals*. De fato, a julgar pelo conteúdo do material e por seu lugar original de publicação, Allen pode muito bem ser tomado como o autor anônimo do artigo "Evolutionism in thePulpit" em *The Fundamentals*.

A suposição de Livingstone não deve ser tomada como decisiva, pois, se o autor de "Evolutionism in thePulpit" colocou-se no banco da igreja, mesmo sendo ministro ordenado, foi como leigo que ele quis ser lido ou ouvido. Dentre as interpretações possíveis para a opção do anonimato autoral talvez a mais forte aponte para a certeza fundamentalista de que o assunto não devia ser tomado somente como interesse dos especialistas, mas dos crentes em geral também – em nome dos quais o "ocupante do banco da igreja" escrevera. O que está em jogo é o lugar simbólico de onde se fala (o púlpito ou o banco), quem pode ocupá-lo e para quê. É como se o banco da igreja (nos quais os *leigos* estão assentados para ouvir) estivesse chamando a atenção do púlpito (no qual o *sacerdote* está em pé para falar). O autor fundamentalista propõe uma inversão em seu artigo: o banco da igreja profere aquilo que o púlpito deve ouvir.

Qual é a mensagem que vem dos bancos das igrejas? A tese está claramente apresentada e defendida desde o título do artigo: o evolucionismo chegara aos púlpitos das igrejas cristãs, em contexto protestante, por meio de ministros e pregadores que haviam substituído verdades bíblicas a respeito da criação pela teoria da evolução. Atitude que podia ser explicada pela intenção de demonstrar conhecimento científico ou pelo temor ao vexame de falar às pessoas de seu tempo sem estar de acordo com o tempo daquelas pessoas. Para um fundamentalista, qualquer que fosse a justificativa para a chegada do darwinismo ao púlpito das igrejas protestantes nos EUA, a concessão de espaços para a hermenêutica modernista e secularizada do texto bíblico devia ser tomada como anátema. O evolucionismo no púlpito foi tido como sinal dos tempos, não no sentido de que a interpretação da Bíblia ganhara em qualidade e profundidade, mas, sim, como marca da apostasia da igreja e da abertura do mundo para as forças do mal.

No oitavo volume da coletânea *The Fundamentals* original, "Evolutionism in thePulpit" está acompanhado por mais oito artigos, dentre os quais "DecadenceofDarwinism", de Henry H. Beach, também ligado ao tema da evolução; os outros sete não têm relação direta com a teoria da evolução, sendo que o último é uma análise crítica do mormonismo. Na edição de 1917, "Evolutionism in thePulpit" aparece no mesmo volume e na mesma seção de "The PassingofEvolution".⁸

Em "Evolutionism in thePulpit" ([1910-1915]), o "ocupante do banco da igreja" inicia a discussão pela afirmação, um tanto pejorativa, de que o mais notável movimento de todas as eras dentro do pensamento filosófico talvez seja a aceitação por parte dos círculos científicos da teoria da evolução como proposta por Darwin, Huxley e Spencer. Notável que homens de ciência, tão acostumados a trabalhar com fatos para verificação de suas hipóteses, tenham se encantado apenas com suposições próximas de extravagantes projetos de ficção científica como os de obras de Júlio Verne. Mais notável ainda que homens de igreja tenham abandonado porções da Sagrada Escritura para assumir um novo pensamento filosófico como base de seu discurso, inclusive, pela assimilação da ideia acomodatória de que "a Bíblia nunca pretendeu ensinar ciência" (Evolutionism, [1910-1915], p. 28).

O "ocupante do banco da igreja" revela toda sua indignação quanto ao entusiasmo da comunidade científica com a teoria da evolução ao abrir mão do método indutivo (baconiano), uma vez que Darwin, em duas de suas obras principais, utiliza mais de 800 vezes a expressão "nós bem podemos supor" como base de sua argumentação (Evolutionism, [1910-1915], p. 27).⁹ Noutra passagem, depois de haver iniciado a defesa da ideia de que a teoria da evolução continuava a ser aceita apenas por uma pequena parte da comunidade científica, o articulista compara a fraseologia de Spencer a respeito da massa homogênea primitiva a um castelo no ar ou às viagens de Gulliver, ou seja, tudo sem fundação ou fundamentação.

O raciocínio parece claro: se a comunidade científica quisesse se aventurar ao assumir como explicação para a vida a teoria da evolução, ainda que sem evidências empíricas, o autor podia até entender; inaceitável era que ministros protestantes seguissem o mesmo caminho, dada a suposta concepção agnóstica da teoria. As relativizações pensadas e até tentadas por Wright, por exemplo, em seu raciocínio e argumentos no artigo "The Passing of Evolution" estão ausentes no texto do "ocupante do banco da igreja", mais incisivo na separação estanque entre crença e ciência (Livingstone, 1997).

Ministros cristãos que insistissem em pregar sua mensagem com base no darwinismo deviam ser questionados quanto a sua sinceridade ou sanidade mental, pois tal atitude acarretava algumas consequências: desprezo do texto bíblico em sua clareza quanto à criação; confusão da pessoa do criador (Deus) com a sua criação (natureza e ser humano); afastamento do Deus da palavra e aceitação da regência de Satanás no mundo. O argumento é radical: nem mesmo o ensino de certa evolução segundo a direção de Deus poderia ser permitido. Aos ministros que insistissem no erro de pregar com base no darwinismo radical ou brando, o "ocupante do banco da igreja" deixa um recado: abandonar o púlpito cristão, coragem e senso de honra para deixar a igreja cristã (Evolutionism, [1910-1915]). Livingstone (1997) presume que o recado também esteja dirigido a alguns dos articulistas que contribuíram para *The Fundamentals*.

Para chegar a suas conclusões, o "ocupante do banco da igreja" faz uma constatação ousada a respeito do campo das pesquisas acadêmicas: a teoria da evolução havia sido como um sonho ou delírio coletivo da comunidade científica, encantada num primeiro momento com o darwinismo, do qual as mentes mais

sóbrias já haviam despertado. Ele busca autoridade para seu argumento na citação de nomes e opiniões de cientistas naturais e das humanidades críticos da teoria da evolução. Mais interessante do que a mera citação dos nomes dos pesquisadores é mostrar aqui duas conclusões que o autor tira do diálogo com eles. A primeira é direcionada aos cientistas: "(...) segundo o testemunho da grande maioria dos mais capazes de seus principais antigos defensores, a teoria evolucionista está *in articulo mortis*" (Evolutionism, [1910-1915], p. 30). A segunda é para os ministros do evangelho que, por descrédito à narrativa bíblica da criação, continuavam a argumentar segundo bases darwinistas. Depois de pedir que saíssem da igreja cristã protestante, conclui:

(...) não pode haver nenhuma dúvida razoável em nenhuma mente inteligente de que o darwinismo, como por enquanto ele descreve a origem do homem e das espécies em geral, está morto; e todo aquele que acredita num Deus pessoal e numa revelação divina deve falar disso, parafraseando a resposta do cuchiita ao rei Davi: "Os inimigos filosóficos de nosso Senhor e Rei, e todos os ismos que surgem contra sua verdade, sejam como este [darwin]ismo morto" (Evolutionism, [1910-1915], p. 35).¹⁰

Corolário: não pode haver comunhão entre os dois ismos, darwinismo e cristianismo – seria melhor dizer fundamentalismo – são antagônicos. O modelo de argumentação encontrado no texto do "ocupante do banco da igreja", mais simplista se comparado com o de Wright, foi o que constituiu a mentalidade e deu voz ao movimento criacionista durante o desenrolar do século XX. Lienesch (2007, p. 30) oferece um exemplo interessante do caso: aquela referência às supostas 800 citações em que Darwin, em somente duas de suas obras, teria revelado a fraqueza de sua teoria foi "repetida regularmente em seus discursos e escritos" por William Jennings Bryan – figura icônica, sem ser um fundamentalista *tout court*, na defesa do criacionismo no famoso Julgamento do Macaco.¹¹

3. A decadência do darwinismo

O artigo "DecadenceofDarwinism", de Henry H. Beach, foi publicado na sequência imediata do anterior "Evolutionism in thePulpit", ou seja, como terceiro capítulo do volume VIII da edição de 1910-1915. Na de 1917, "DecadenceofDarwinism" está localizado nos mesmos volume e seção dos dois anteriores. O título do artigo aponta os pressupostos e as intenções de seu autor:

demonstrar que dentro da comunidade científica o darwinismo já não se sustentava e que, portanto, não podia ser levado em consideração a não ser como especulação. Raciocínio transformado em conselho: "Como ciência aprovada, o ensino do darwinismo às crianças e jovens nas escolas do mundo é a mais deplorável característica de toda a propaganda de baixa qualidade [a favor da teoria da evolução]" (Beach, [1910-1915], p. 48). Na condição de militante, Beach pergunta acerca da razão de se oferecer às crianças e jovens algo que não era consenso nem mesmo na comunidade científica; e faz questão de lembrar as próprias hesitações de Darwin quanto a seu objeto de estudo. As semelhanças de seu artigo e argumentos com os do "ocupante do banco da igreja" não são mera coincidência.

As motivações primeiras de Beach ([1910-1915], p. 36) ao afirmar a decadência do darwinismo não passavam somente pela discussão ou interesse científicos, pois, para ele, "(...) o problema entre darwinismo e gênero humano não é puramente uma questão acadêmica". Como querela meramente acadêmica, a discussão quanto ao progenitor primordial da humanidade – se uma célula protoplásmica, uma ameba ou uma larva ascídia – não tocava ninguém. A questão é de outra natureza. Beach ([1910-1915], p. 36) traz à memória coletiva a seguinte lembrança: "Metade de sua vida, Charles Darwin passou com medo das reprovações dos cristãos. Era algo como o medo sentido por outro Charles, das reprovações dos huguenotes por haver ele consentido no assassinio de Coligny".¹² Publicar ou não suas teses científicas era a dúvida vivida por Darwin. Segundo a visão fundamentalista de mundo, a publicação da teoria da origem das espécies (em especial, da espécie humana) já não significava, no limite, apenas trazer desenvolvimento para a ciência ou novos conhecimentos, mas se fazia acompanhar de uma crítica consciente ao judeu-cristianismo.

O modo das explicações de Darwin é comparado pelo autor fundamentalista com a atividade de um prestidigitador que chama a atenção para uma de suas mãos enquanto executa o truque com a outra. Beach ([1910-1915], p. 36) cita literalmente a passagem a seguir, extraída da introdução do livro *A origem do homem e a seleção sexual*¹³ como um exemplo típico das crises do naturalista inglês:

(...) Durante muitos anos recolhi dados acerca da origem ou ascendência do homem, sem qualquer intenção de publicá-los, antes determinado a jamais dar a público tais informes, por não

considerá-los suficientes para confirmar minhas opiniões a respeito do assunto (Darwin, 2004, p. 9).

A tais palavras, Beach ([1910-1915], p. 36-37) acrescenta outro trecho literal do mesmo livro, extraído da conclusão, a fim de corroborar sua interpretação acerca da luta pessoal do naturalista inglês para se livrar das consequências decorrentes de sua teoria contrária a sua religião:

Estou seguro de que as conclusões a que chegamos neste estudo serão consideradas por alguns como extremamente irreligiosas, mas quem assim pensa está obrigado a mostrar por que seria mais irreligioso explicar a origem do homem como uma espécie distinta que descende de uma forma inferior, obedecendo às leis de variação e seleção natural, do que explicar o nascimento do indivíduo obedecendo às leis da reprodução ordinária (Darwin, 2004, p. 541).

Beach ([1910-1915], p. 37) expõe a radicalidade de suas opiniões ao afirmar que o "Professor [Ernst Heinrich] Haeckel foi o mais bravo, ou o mais imprudente, quando rotulou o livro *Descendência do homem* como 'anti-Gênesis'; com igual verdade e moderação ele deveria ter acrescentado, anti-João, anti-Hebreus e anti-Cristo". A lógica do raciocínio religioso fundamentalista, sempre a mesma, é evidente, além de extremada:

Nós não podemos depender da Bíblia para nos mostrar "como ir para o céu" se ela nos engana quanto a "como os céus vieram a existir", bem como quanto à origem, natureza, descendência e destino dos animais e homens. Darwinistas estão chacoalhando as fundações da sociedade e das almas; e seus poderes de resistência são o assunto do momento (Beach, [1910-1915], p. 37).

Ao debater com o darwinismo, o interesse de Beach é religioso e moral: trata-se de uma luta pelo resgate das verdades bíblicas, todas elas, pois, se houvesse falha em alguma, as outras poderiam ser colocadas também sob suspeita. Embora anuncie que o interesse principal de seu capítulo não seja científico, Beach organiza boa parte de seu argumento e de seu artigo em resposta a um texto científico, o do professor Thomas Henry Huxley no verbete *Evolução* da *Enciclopédia Britânica* (nona edição). Antes da discussão propriamente dita, Beach ([1910-1915], p. 37) define o que é vida, segundo seu entendimento e o do movimento teológico que representa:

Arriscamo-nos a diferenciar vida e mesmo que tenhamos ido longe demais estamos certos de estar corretos:1. Vida vegetal é a soma

de todas as forças que permeiam o organismo, [soma] que causa seu crescimento e o preserva da deterioração. 2. Vida animal é a soma de todas as forças que permeiam o organismo, [soma] que causa seu crescimento, preserva-o da deterioração, que é consciente e pensante. 3. Vida humana é a soma de todas as forças que permeiam o organismo, [soma] que causa seu crescimento, preserva-o da deterioração, que é consciente e pensante, e que é religiosa.

Às passagens do verbete enciclopédico de Huxley acrescentam-se arrazoados de que é falso e não científico aquilo que o próprio Beach reconhece e afirma como a essência do darwinismo, ou seja, a origem dos seres humanos, animais e plantas de uma forma de vida orgânica, a mais simples e inferior, por seleções e variações naturais – e sem Deus. Na especificidade das definições do autor, o que significa exatamente dizer que a vida humana ou é religiosa ou não é humana?

É falso que o homem derivou de um animal e o animal de um vegetal. Uma das forças da vida humana é o reconhecimento [da existência] de Deus e a consciência do pecado contra ele. Isto não foi encontrado nos macacos antropoides, pois não é próprio deles. Animais são distintos das plantas pela autoconsciência, que não é encontrada nas plantas, pois não é própria a elas (Beach, [1910-1915], p. 45).

São dignos de nota ainda outros postulados interessantes de Beach para a construção das ideias fundamentalistas, o arcabouço teológico do movimento no que diz respeito à sua defesa contra o evolucionismo: Deus é o artista criador e cada criatura (espécie) saiu pronta de suas mãos, e em seu devido lugar natural; com o advento da teoria da evolução, Deus, que até então era necessário, foi substituído pelo demiurgo supremo, a seleção natural; o darwinismo, por negar ao ser humano a imagem de Deus, degrada Deus e o ser humano; só o ser humano reconhece a existência de Deus e sua condição de pecado diante dele; macacos não fazem isso, apesar da autoconsciência, que as plantas, por sua vez, nem possuem. Em suma (teológica), a cada categoria de seres vivos o que lhe é próprio, posto que as categorias são imutáveis e isoladas umas das outras, portanto, sem derivação.

Considerações finais

As declarações de Darwin citadas na introdução são do ano de 1881, num momento em que ele mesmo considerava sua vida em fase atribulada e "em vias de dizer adeus" (Darwin, 1994, p. 11); de fato, sua morte ocorreu poucos meses depois, aos 19 de abril de 1882. Suas revelações fazem parte do texto intitulado "Esboço autobiográfico", escrito para atender ao pedido de uma editora da Alemanha e publicado como seção pré-textual na edição de *A origem das espécies* de 1882.¹⁴ Àquela passagem, em que o próprio Darwin assume não ter sido tão desagradável imaginar-se como cura de aldeia, faltou acrescentar sua conclusão: "Hoje, considerando o quanto tenho sido virulentamente atacado pelos ortodoxos por causa de meus livros, parece-me ridículo que tenha um dia cogitado da possibilidade de me tornar um sacerdote" (Darwin, 1994, p. 17). *É bem possível supor* que os ataques dos ortodoxos na Inglaterra contra Darwin e sua obra, enquanto ele ainda vivia, não tenham sido tão virulentos quanto os do período das origens do movimento fundamentalista na América do Norte, muito menos como aqueles que se desdobraram em textos, discursos e ações a partir dos anos 20 nos EUA do século passado.

Por um lado, pode-se considerar que Beach tenha sido duro demais ao comparar Darwin a um prestidigitador, um ilusionista com intenção de enganar ou confundir as pessoas quanto à relação entre religião e ciência; por outro, pelo registro de suas impressões íntimas, *é bem possível supor também* que Darwin, desejando ou não aquela realidade (que acabou por se transformar num tormento para si), estava consciente de que as relações entre religião e ciência nunca mais seriam as mesmas depois de suas teorias. O fundamentalismo protestante, por exemplo, pode ser contado dentre os subprodutos da tensa relação entre religião e ciência no período pós-Darwin.

De maneira mais geral, desde sua origem e em toda sua descendência, o fundamentalismo pode ser considerado uma reação moderna à modernidade, não em todos os sentidos, mas justamente naquele de uma reação contra as influências da modernidade e as crises que ela acarretava aos fiéis e às comunidades em sua fé (Moltmann, 1992-1993). Como movimento emergente numa relação entre condições mentais e materiais da época, o fundamentalismo deve ser tomado como um processo, no qual os personagens, as datas, os lugares são plurais. Nem mesmo a coletânea *The Fundamentals* poderia "simplesmente

ser tomada como o manifesto de toda a tradição" (Livingstone, 1997, p. 148), pois a complexidade do caso não permite que o todo seja reduzido a somente uma de suas partes. Ainda assim, vale lembrar que *The Fundamentals*, em sua composição interna, acolheu exemplos multifacetados do pensamento e da ação fundamentalistas, até mesmo acerca da relação entre teoria da evolução e hermenêutica bíblico-ortodoxa.

Dentre os adversários da modernidade à ortodoxia e conservadorismo dos fiéis e das comunidades protestantes na segunda metade do século XIX, foram eleitos os mais graves, principalmente nos EUA: o liberalismo teológico, o secularismo, o comunismo, o ecumenismo, o evolucionismo, dentre outros. Assuntos que mereceram a reação de todo o corpus teológico-bibliográfico fundamentalista e, como era de se esperar, não poderiam ficar de fora da série *The Fundamentals* na segunda década do século XX. Embora o período ainda não fosse o do ápice da luta fundamentalista contra o darwinismo, o "ocupante do banco da igreja" e Beach, na forma de sinal de alerta, revelaram o caráter de urgência e a visão dualista do caso: ou a Bíblia ou o evolucionismo. Na verdade, só a Bíblia, pois o evolucionismo, segundo sua interpretação, já não tinha mais o que dizer e, portanto, não podia ser levado a sério – nem nas igrejas nem nas escolas. Mesmo Wright, mais relativista, aponta a incompatibilidade, não da teoria da evolução em si, mas do materialismo subjacente a ela com a fé bíblica.

Mesmo estadunidense em origem e essência, não é o caso de considerar que o drama referente à evolução não tenha chegado a muitos outros países do mundo, nos quais o antidarwinismo religioso, como artigo de exportação, fez seus adeptos e escolas de estudo, pregação e reprodução do modelo. No Brasil contemporâneo, discípulos dos primeiros fundamentalistas propagam a mensagem religiosa da criação, segundo a hermenêutica literalista do relato bíblico, a todas as pessoas que querem ouvi-la. As igrejas, mais do que as escolas, são fortes divulgadoras do antievolucionismo, pela afirmação do criacionismo ou do *Design Inteligente* – e nem é o caso de imaginar que elas e seus líderes vivam algum tipo de angústia ou dilema de consciência. Quanto à esfera da educação, o ensino do criacionismo ou da teoria do projeto começa a deixar de ser decisão de escolas de confissão religiosa para atingir discussões e decisões de Estado. Além disso, o assunto frequenta cada vez mais as matérias da mídia destinada ao grande público. Ironia da história: o darwinismo hoje, em boa parte do mundo e também no Brasil, pretende ser silenciado pelo movimento

que ajudou a fundar (como efeito não intencional). É bem possível supor, por fim, que a descendência teológica e também política do fundamentalismo esteja apenas nos primeiros ramos de sua árvore genealógica.

Referências

BEACH, Henry H. Decadence of Darwinism. In: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, v. VIII. Chicago: Testimony Publishing Company, [1910-1915], p. 36-48. Disponível em: <http://archive.org/stream/MN40295ucmf_2#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 23/12/12.

DARWIN, Charles. *A origem do homem e a seleção sexual*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

_____. Esboço autobiográfico. In: DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994. p. 11-23.

EVOLUTIONISM in the Pulpit. In: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, v. VIII. Chicago: Testimony Publishing Company, [1910-1915], p. 27-35. Disponível em: <http://archive.org/stream/MN40295ucmf_2#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 23/12/12.

LIENESCH, Michael. *In the Beginning: Fundamentalism, the Scopes Trial, and the Making of the Antievolution Movement*. North Carolina: UNC Press, 2007.

LIVINGSTONE, David N. B. B. Warfield, the Theory of Evolution and Early Fundamentalism. In: *EvangelicalQuarterly*, v. 58, n. 1, p. 69-83, 1986. Disponível em: <http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-1_069.pdf>. Acesso em: 28/02/13.

_____. *Darwin's Forgotten Defenders: the Encounter between Evangelical Theology and Evolutionary Thought*. Vancouver, RegentCollegePublishing, 1997.

MOLTMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. In: *Fundamentalismo: um desafio ecumênico*, Concilium, n. 241, p. 141-148, 1992-1993.

WRIGHT, George Frederick. The Mosaic Authorship of the Pentateuch. In: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, v. IX. Chicago: TestimonyPublishingCompany, [1910-1915a], p. 10-21. Disponível em: <http://archive.org/stream/MN40295ucmf_2#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 23/12/12.

_____. The Passing of Evolution. In: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, v. VII. Chicago: Testimony Publishing Company, [1910-1915b], p. 5-20. Disponível em: <http://archive.org/stream/MN40295ucmf_2#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 23/12/2012.

_____. The Testimony of the Monuments to the Truth of the Scriptures. In: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, v. II. Chicago: Testimony Publishing Company, [1910-1915c], p. 7-28. Disponível em: <http://archive.org/stream/MN40295ucmf_2#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 23/12/12.

¹ Comparada à série original em 12 volumes, a novidade da edição de 1917 é que os artigos vêm organizados em cinco seções temáticas distribuídas por quatro volumes. A primeira seção (26 capítulos) discute temas bíblicos e rejeita a alta crítica e suas ferramentas hermenêuticas; a segunda é dedicada à teologia (37 capítulos), com a defesa das doutrinas fundamentais do cristianismo protestante; a terceira, ao pensamento moderno (oito capítulos), com a crítica direcionada especialmente ao darwinismo; a quarta, a vários "ismos" (cinco capítulos), com a crítica aos novos movimentos religiosos (do início do século XX); a quinta e última, a outros testemunhos da verdade (14 capítulos), com discussões doutrinárias, éticas, práticas e pessoais acerca de assuntos variados.

² Esta e todas as demais traduções livres do inglês para o português são do autor do artigo.

³ O mesmo artigo foi publicado como capítulo XVI do primeiro volume na edição de 1917.

⁴ Uma questão de método: segundo a teologia do autor, numa movimentação do argumento geral para o caso particular de interesse deste artigo, faz-se necessário registrar que é no início do Antigo Testamento que se dá a discussão quanto às origens (do universo, da vida, da humanidade, enfim, de tudo o que foi criado). O livro de Gênesis, mesmo que relativizado quanto à literalidade do texto, não pode estar errado, até por ser a fundamentação teológica primeira da história da salvação registrada e consumada no Novo Testamento.

⁵ O mesmo artigo foi publicado como capítulo II do primeiro volume na edição de 1917.

⁶ Segundo a lógica da "morte da evolução darwinista", Wright ([1910-1915], p. 20) aponta que os maiores desafios ou perigos contra o cristianismo vêm da metafísica e não da física: "Hume é mais perigoso do que Darwin; o agnosticismo de Hamilton e Mansel é mais duro de enfrentar do que o de Tyndall e Huxley; o fatalismo dos filósofos é para ser mais temido do que o materialismo de quaisquer homens científicos".

⁷ Teologicamente, pelo menos segundo a ortodoxia dos líderes do fundamentalismo (os calvinistas, por exemplo), a distinção entre leigo e sacerdote não deveria se sustentar por não se enquadrar na doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes (ou santos); consuetudinariamente, entretanto, tal distinção sempre teve apelo e aceitação entre os fiéis, mesmo na tradição protestante ortodoxa.

⁸ Cabe aqui um comentário a fim de estabelecer uma comparação teórica: Livingstone (1997) entende que a presença de Wright em *The Fundamentals*, o autor do capítulo "The Passing of Evolution", não pode ser tomada como óbvia, embora ele estivesse, sim, com seu coração no movimento. Um tanto relativista, o problema para Wright era mais o da exigência do materialismo a sustentar o darwinismo do que o das questões exegéticas. "As cautelosas posições pró-evolução de Wright [...] são decisiva e agressivamente postas à prova por duas proposições anti-Darwin no oitavo volume da coletânea de artigos *The Fundamentals*" (Livingstone, 1997, p. 152). Ele se refere justamente ao autor anônimo e a Henry Beach, nem de longe daquela mesma envergadura teológica e científica encontrada em Wright.

⁹ Beach faz referência à Noite de São Bartolomeu, ocorrida em Paris, aos 24 de agosto de 1572, na qual foi assassinado o almirante Gaspar de Coligny e muitos outros protestantes, bem como aos desdobramentos daquela noite na França – os huguenotes mortos foram dezenas de milhares –, tudo com o consentimento do rei Carlos IX (o outro Charles citado por Beach), que precisou ser convencido de que os calvinistas, liderados por Coligny, representavam uma ameaça iminente contra o trono francês.

¹⁰ O "ocupante do banco da igreja" refere-se à seguinte passagem bíblica: "Logo chegou o cuchita e disse: 'Recebe, senhor meu rei, a boa notícia. Iahweh te fez justiça hoje livrando-te de todos os que se levantaram contra ti.' O rei perguntou ao cuchita: 'Vai tudo bem com o moço Absalão?' E o cuchita disse: 'Que tenham a mesma sorte desse moço [morto em batalha] todos os inimigos do senhor meu rei e todos os que se têm levantado contra ti para te fazerem mal!'" (2 Samuel 18,31-32. A Bíblia de Jerusalém. 9 ed. rev. São Paulo: Paulinas, 1985).

¹¹ Ação movida pelo estado do Tennessee (EUA), no ano de 1925, contra John Thomas Scopes, professor de biologia na cidade de Dayton, acusado de desrespeitar a lei que proibia o ensino do darwinismo (teoria da evolução) nas escolas públicas.

¹² Beach faz referência à Noite de São Bartolomeu, ocorrida em Paris, aos 24 de agosto de 1572, na qual foi assassinado o almirante Gaspar de Coligny e muitos outros protestantes, bem como aos desdobramentos daquela noite na França – os huguenotes mortos foram dezenas de milhares –, tudo com o consentimento do rei Carlos IX (o outro Charles citado por Beach), que precisou ser convencido de que os calvinistas, liderados por Coligny, representavam uma ameaça iminente contra o trono francês.

¹³ Tradução para o português, na edição brasileira utilizada neste artigo (Darwin, 2004), do título do livro *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*, publicado por Darwin em 1871.

¹⁴ A autobiografia completa do autor, incluindo trechos desse "Esboço autobiográfico", pode ser encontrada em português, edição brasileira: DARWIN, Charles. *Autobiografia, 1809-1882*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

Recebido em 20/06/2014, revisado em 10/09/2014, aceito para publicação em 23/09/2014.